

“Leonardo  
Ou  
Ela se chamará Sophia”

DIEGO DIAS

*"Sou eu quem mata o leão  
Quem vence o dragão, ufa!  
Enfrenta a vida dura  
Dom Quixote doidão, de espada na mão  
E ainda volto pra casa com a mistura  
Cantando um pa-pa-pa-para  
Pa-pa-pa-para, pa-pa-pa-para  
Pa-pa-pa-para, pa-pa-pa-para  
Pa-pa-pa-para, pa-pa-pa-para"*

**("Sol de giz de cera" – Emicida)**

Leonardo

Ou

Ela se chamará Sophia

Era uma vez um menino, todo esquecido, chamado Leonardo. Do que lembrava dormindo, ele esquecia acordado. Leonardo era bem bem alto, sentado no vaso suas mãos alcançavam o teto de compensado do banheiro. Ele nunca contava isso a ninguém, mas por dentro ria sozinho e achava isso tudo muito maneiro. Calado, Leonardo ali sentado apenas pensava: “não posso me atrasar pro trabalho”. Do lado de fora vinha uma voz que bradava: “não se esqueça de dar descarga, amor”; era de sua esposa que saía do quarto a caminho da sala. Da falta de memória de Leonardo, ela sempre fazia graça. Leonardo sabia que era carinho e por isso fingia que não ouvia, levava na esportiva, na brincadeira. Lavava as mãos na pia e lembrava-se de apertar bem forte a torneira. Como era bem humorado esse tal de Leonardo! Leonardo tinha uma cruz de malta nas costas tatuada. Leonardo sempre foi Vasco, desde quando, não tem lembrança. Talvez já fosse Vasco antes mesmo de ser criança. Ele sempre sentava na mesma cadeira, sempre na cabeceira da mesa para tomar café da manhã. Disso sempre lembrava, assim como da vitamina de banana reforçada que tomava antes de comer geleia no pão integral, seguida por maçã, ovos e nozes. Bem alimentado, Leonardo era um cara legal. Com fome sua feição mudava, tornava-se um letreiro neon de “não se aproxime”. Mas como de encher a pança ele nunca nunca esquecia, vivia com um sorriso fácil e largo nos lábios, o que fazia com que fosse sempre benquisto por onde quer que passasse. O seu ar esquecido também lhe dava um charme intelectualizado, assim que, mesmo esquisito, Leonardo desde jovem era belo e das mulheres sempre arrancara olhares. Um dia ocorreu um fato inusitado, Leonardo pela primeira vez esqueceu de programar o despertador pro horário do trabalho. Ele andava bem cansado aquela semana. Levantou da cama num salto de fazer inveja ao Diego Hipólito. Requentou o café, pois um jeans surrado e estava pronto. Seria a primeira vez que Leonardo iria mal arrumado pra firma. Lembrou de escovar os dentes, mas fingiu que esqueceu, não dava mais tempo, o que não era mentira. Pegou a chave, a pasta

ocre e um casaco, e se pirulitou, num andar tão apressado que mais parecia que ele estava correndo. O ônibus logo passou no ponto, ele se acalmou um pouco e com a manga da camisa enxugou uma lágrima de suor em seu rosto. “Tenho que comer mais peixes, encomendar pílulas de ômega 3...”, pensava e se culpava pelo atraso iminente enquanto a condução se aproximava. Bom dia, Comandante! Foi a frase que dissera ao motorista de repente ao entrar pela porta da frente com o dinheiro em mãos para pagar a passagem. Na confusão em que se encontrava, Leonardo fora mais efusivo que o de costume, também esquecera de que era tímido... Imerso em seus pensamentos, sentou-se do lado direito lá no fundão e abriu bem a janela. Tava aí um costume da época de escola que carregava na alma. Impossível esquecer. Uma vez da turma da bagunça, bagunceiro para sempre há de ser. Reparou que o ônibus estava mais vazio que habitualmente, mas não deu bola. “Deve ser pela hora...”, pensou. Leonardo estava atrasado, quem diria... Quando o 731-D já subia a Ponte, colocou a mão no bolso lateral da calça, na intenção de alcançar o celular. Não o encontrou, também o esquecera. “Deve ter ficado carregando na fonte”, resmungou. “Como a Baía é bela!”, sussurrou inaudivelmente, como forma de espantar qualquer pensamento não muito agradável. Ao passar pela Rodoviária, reclamou mentalmente do resultado das obras, tão caras e mera ilusão para turistas, insistia veementemente nesse ponto em qualquer bate-papo, sempre. Leonardo é formado em Letras, daí o seu vasto vocabulário. Especialista em literatura inglesa, é um entusiasta fã do bardo. Desceu na Cidade Nova, estranhou a falta de movimento transeunte, mas também não deu bola. Leonardo só se preocupava em como explicaria o fato de ter perdido o horário. O ônibus em direção ao Méier tardou a passar, quase meia hora e nada. Uma fumaça imaginária já rodeava as ventas do menino, cada minuto que passava era um infinito descompassado. Comprou bala Halls do ambulante parado ao seu lado, três por dois. Mastigava firme cada pastilha como se com os dentes pudessem aplacar sua raiva. Eram três *drops* da embalagem cinza, ele não sabia definir se estas são mais fortes que as pretas. Mas a garganta em fogo híbrido o fez parar na quarta bala consecutiva. Leonardo nunca reclamava da vida, sempre se esforçava para ser positivo. Mas esse dia tava foda. “Tem dia que é melhor não acordar que dá tudo errado”, rememorava a letra de uma canção de sua adolescência, sem ter a certeza de que a recitava corretamente em sua cabeça. O ônibus ainda despontava

no horizonte da avenida, mas Leonardo tinha olhos de águias treinadas por lince, e prontamente acomodara a alça da pasta nas costas. Subira os degraus de cara amarrada, pagou o valor da passagem todo em moedas graúdas, e se acomodara nos primeiros assentos atrás da porta. Só deu aquela respirada ao passar pelo Maracanã, amanhã tinha clássico naquele gramado. Imaginou a torcida gritando “Vascoooo! Vascoooo!”... Só que a cena que se passara em sua cuca era em São Januário. Leonardo tem duas camisas do clube no armário. Uma preta e uma branca. Como é enorme o seu amor pelo Gigante da Colina. Ao rodear a UERJ, que estava de greve, o ônibus deu uma forte sacolejada que tirou Leonardo das suas críticas mentais a Eurico Miranda. O amor pelo cruzmaltino foi sempre nutrido desde criança, quando era menininho e ajudava o pai na oficina da família. De Seu Júlio herdou o caráter e a postura sóbria que ostentava. Pela linha do trem reparava em cada estação que passava. Estava em Ricardo, acreditava que só mais uns vinte minutos e ele chegava. Não inventaria desculpas, assumiria o erro do despertador e encararia as consequências. Talvez uma advertência? Aquilo o incomodava, então expulsava esse pensamento da cachola. Olhava com olhar admirado o caminho como se nunca tivesse passado por ali antes. Ou melhor, ontem. Já desceu do ônibus suando em bicas, sem saber como iria se explicar. Mal sabia ele que as coisas ainda iriam muito mais se complicar. Se eu pudesse estar lá, eu diria: “Relaxa mano Leonardo, amanhã é outro dia!”. Mas estressado como só quando se encontra sob pressão, caminhou ainda mais rápido e com o peito artificialmente estufado. O porteiro do prédio o recebeu incrédulo. “O que o senhor está fazendo aqui, Seu Leonardo?”. “O de sempre”, disse estupefato. “Vim trabalhar!”. “Mas em pleno feriado, e não qualquer feriado, um feriado emendado?”, o arguiu Jarbas com uma risada de canto de boca, que mais parecia deboche, mas que refletia profunda amizade. E emendou: “o senhor se esqueceu que hoje é o dia da santa?”. “Não esqueci não, eu só não estava lembrado”. Leonardo respondeu rispidamente, mas logo se arrependeu. Segurou o choro para não parecer fraco, mas o que ele mais queria naquela hora era telefonar pra casa, buscar um afago de mãe. “Jarbas, até semana que vem”, se despediu desolado, coçando o bolso da calça pra se reassegurar da falta do celular. Agora tudo fazia sentido, não era à toa que os ônibus estavam mais vazios. De repente tudo ficou claro na mente de Leonardo. Olhou para os lados para se certificar que ninguém

estava a observá-lo, e chorou. Um choro de forma muito sentida, mas de apenas duas lágrimas, era o máximo que se permitia. O pior era que agora, ao ir embora, teria que refazer todo o longo trajeto de volta pra casa. Umas duas horas quicando em bancos de ônibus até o Cubango. Como prêmio de consolação, como forma da viagem não ser perda total, decidiu fazer algo que sempre queria, mas que o horário apertado não o permitia. Voltaria de trem até a Central. Caminhou a passos desolados até a estação. Subiu a escada em espiral, passou o Bilhete Único na roleta, e desanimado como estava não reparou no número de créditos que ainda restavam. Desceu os degraus de concreto olhando ao longe, um horizonte particular de fios, aços, tijolos e verde habitado. Sentou-se olhando pro chão em um banco de cimento revestido por uma tinta marrom. Sem o celular pra distrair, pensou em engolir mais uma bala, mas mudou de ideia e apenas deu dois goles na garrafinha de água que tirou da pasta. O trem demorava, já fazia uns quinze minutos que ele ali estava. Já se questionava se havia feito a melhor escolha. Ouviu um ruído ao longe, era um trem que se aproximava, porém na pista contrária. A tensão, a pressa e a frustração, elas só aumentavam. Leonardo olhou com atenção para dentro do vagão estacionado do outro lado, e tudo o que pode reparar antes da porta fechar foi em uma senhorinha compenetrada em tentar resolver um bloco de palavras cruzadas. “Vá com Deus, em paz pra casa!”, ele arranjou forças para mentalmente abençoá-la. Leonardo foi em pé no trem, se segurando no corrimão dali até a estação da Mangureira. Como era a sua primeira vez, tudo era novidade desde o início: o entra e sai dos ambulantes, os pedidos de donativos para instituições de recuperação de pessoas com vícios, as pregações religiosas, a venda de paçoca Santa Helena em saquinhos contendo cinco pacotinhos por apenas um e cinquenta. Entretanto, foram as paisagens antigas vistas por um ângulo novo que o embebeceram. Aquelas casas humildes abrigavam gente forte e guerreira que, apesar de todas as mazelas da vida, sempre encontram motivos aparentemente bobos para sorrir e passar por cima de todas as adversidades. Quando chegou à Cidade, revirou com os olhos mais uma vez todo o interior daquele trem. Também rememorou em instantes todos os *insights* que tivera ao longo daquela viagem curta, porém profunda. Decidiu na hora que pegaria o primeiro buzão que passasse. Pra sua sorte, ou não, o Santa Rosa não demorara. Desceria em Icarai e dali embarcaria no quatro-cinco. Lembrou que em frente À Mineira havia um novo

ponto. Mesmo sendo feriado, o ônibus não demorou tanto. O trajeto era rápido, sem trânsito era uns quinze minutos. Foi batendo a cabeça no vidro, pois incrivelmente naquele dia tinha muito sono. Mais do que o normal. “O que tá acontecendo comigo?”. É sono Leonardo, dorme e descansa, seu corpo já está acostumado e você vai acordar na hora de saltar. Dito e feito, no meio da Noronha Torrezão ele já estava com ânimo de moleque. Ainda estava chateado pela bola fora, mas um bom pressentimento o invadiu após aquela soneca. Desceu triunfante no ponto de casa, atravessou a rua sem nem notar o quanto estava cheio o bar às suas costas. Como havia se lembrado da carregar a chave consigo, não precisou gritar pelo muro para que a esposa lhe abrisse o portão. Subiu os degraus do pátio e depois abriu a porta da sala. Ela estava sentada no sofá vendo o final de uma comédia na HBO. “Já chegou, amor?”, perguntou com um sorriso de canto de boca pra provocar. “Outro”, pensou “Nem me fale...”, muxoxou incomodado já se dirigindo para o quarto com a desculpa de trocar de roupa. Tava estranhamente fácil até demais, até o momento em que ele foi interpelado: “Leonardo, precisamos conversar”. “E agora meu Deus, o que será?”. Ele que já estava desesperado, cansado, verdadeiramente arrasado, se preparou para um golpe de misericórdia. Naquela situação acho que ele mesmo imploraria a um carrasco para que lhe cortasse o quengo. Se acomodou no sofá já esperando o pior. Na defensiva. Não tinha mais forças, aceitou sem esforço contrário o papel de vítima. Um minuto de silêncio verdadeiramente respeitado. A esposa o olhava como um goleiro à espera da cobrança de pênalti do atacante. Por fim, ela parou de apenas fitá-lo e sentenciou: “Você vai ser pai Leonardo, e de uma menina como você sempre sonhou. Ontem de manhã saiu o resultado, no início eu estava desconfiada, mas não queria, sei lá, que fosse um alarme falso e quando vi o tempo foi passando e... Eu sei que deveria ter te contado... Desculpa por não ter te levado à ultra, mas...” . Leonardo já não ouvia mais nada. Em sua cabeça apenas martelavam duas palavras: pai menina, pai menina, pai menina, pai... Ele se levantou sem pedir licença, sem perceber virou as costas a sua mulher que ainda lhe falava e se debruçou sobre a janela. Olhava ao longe, mas não via ninguém. Era como se estivesse hipnotizado pelas faixas do asfalto. Ela observava aquela cena, e intimamente por alguns segundos sentiu um pavor de ser rejeitada. Com temor, apenas o observou calada, atônita. Sem coragem de tocá-lo, havia imaginado todas

as reações possíveis, menos aquela. Subitamente ele se virou e a olhou fundamente nos olhos, suas pálpebras encharcadas, olhos avermelhados e mudos, mas a esta altura as lágrimas já o escorriam pelo pescoço. Faltavam-lhe as palavras, mas lhe saiu meio que sussurrado: “Se também for do seu agrado, ela se chamará Sophia”. Leonardo era muitas coisas, muitas coisas Leonardo fora, mais coisas que a sua memória recorda, mas agora... Agora Leonardo é!